

# Património

DOMINGO  
24 MAI 2026

CASAS COM HISTÓRIA XIV **MONÇÃO** / VILA

Textos  
José Carlos Ferreira

Fotos  
Diário do Minho

Diário do Minho



Este suplemento faz parte da edição n.º 34605 de 24 de maio de 2026, do Jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente

## Introdução

Nesta edição do suplemento do Património vamos olhar para casas do centro da vila de Monção, não porque se notabilizem pela sua traça arquitetónica, mas pelas pessoas que lá viveram. E, as três casas que visitamos têm todas elas um traço em comum,

ou seja, nelas viveram maestros que se notabilizaram na Banda de Monção. Este é, por isso, um suplemento onde predomina a cultura, a música, onde vamos conhecer o percurso de cada maestro e as dinâmicas que trouxeram à Banda de Monção. A primeira casa que

conhecemos, a mais degradada, é onde viveu José Luís Gonçalves, maestro entre 1897 e 1927; depois seguimos para a casa de Miguel de Oliveira, maestro entre 1965 e 1983, e, por fim conhecemos a casa de José Morais Gonçalves, maestro entre 1890 e 1893.

Apenas resta a fachada da habitação

# Casa do maestro Luíz José Gonçalves está na rua da Independência

Na rua da Independência, mesmo no centro da vila de Monção, a poucos passos da Porta de Salvaterra, uma das portas da fortaleza, está a casa onde viveu o maestro sargento Luiz José Gonçalves, conhecido por “Mestre Luiz”.

Para que não restem dúvidas, na fachada da casa, o único elemento arquitetónico que se mantém, está uma pequena placa que terá sido descerrada, certamente, durante uma homenagem a este maestro da Banda de Monção a 10 de abril de 1965. Nela pode ler-se: “Aqui viveu o maestro Luíz José Gonçalves «Mestre Luíz» grande impulsor da Banda Municipal de Monção – 10-4-965”.

A casa, como já o referimos, está em muito mau estado de conservação, restando apenas a sua fachada, onde está afixada a pequena placa evocativa.

Mas, quem terá sido este maestro? A resposta está no livro “Banda Musical de Monção 1792-2014 – 222 anos ao serviço da cultura”, da autoria da José Adriano Oliveira Cruz. Ora, segundo refere, o sargento Luiz José Gonçalves terá dirigido a Banda de Monção durante 31 anos consecutivos, entre os anos de 1897 e 1927.

José Adriano Oliveira Cruz conta que o “Mestre Luiz” nasceu em Valença e foi «contramestre de grande prestígio da Banda Militar de Infantaria 3».

## Chegada a Monção

Segundo o investigador, terá sido por iniciativa dos seus cunhados, Francisco de Oliveira, conhecido por “Maria Rita”, que foi primeiro bombardino, e Domingos Ferreira, conhecido pelo “Pincha”, que foi primeiro clarinete, que o sargento Luíz José Gonçalves se radicou em Monção.

«Em 1911 chegou a despedir-se da Banda, conforme foi noticiado pela imprensa da época, mas não há registos conhecidos que nos digam que tenha concretizado o abandono», afirma o autor da obra.

Para José Adriano Oliveira Cruz, «este maestro revolucionou por completo a Banda e, para o provar cita uma notícia do jornal “Notícias de Monção”, data de 5 de outubro de 1963. Nela lê-se: «De uma “Banda” de vinte figuras, passou



Casa onde morou o “Mestre Luiz”

dentro em pouco tempo a contar quase o dobro. Disciplinou, ensinou, fez músicas do melhor que Monção possui em todos os tempos, criou uma fama de tal ordem que a Banda dos Bombeiros Voluntários de Monção andava dias e dias pela Galiza de festa em festa».

O autor realça que durante a regência deste maestro que morou na Rua da Independência, «que a Banda deixou de se

chamar Banda de Música da Villa, passando a chamar-se Banda de Música dos Bombeiros Voluntários de Monção». «Este homem deixou-nos uma grande obra pelo trabalho que desenvolveu, sendo ainda hoje muito recordado pelos mais velhos. Foi nessa ocasião que a Banda granjeou mais fama em toda a Galiza onde passava dias consecutivos em concerto, festas, romarias, inaugurações e receções», acres-

centa. José Adriano Oliveira Cruz salienta ainda que entre as obras que o sargento Luiz José Gonçalves deixou está o “Hino dos Bombeiros” e a “Invernosa”. «Compositor mimoso de inspiração sublime», o maestro soube rejuvenescer a banda dotando-a de uma nova geração. Em 1927, já doente, entregou a batuta a Tomás de Oliveira, falecendo pouco depois a 20 de junho de 1927.



Placa que assinala a homenagem realizada em 1965



A casa está na rua da Independência

## Autor do Hino de Monção e do Cerco de Monção

## Casa na Praça Deu La Deu guarda memória do maestro Miguel de Oliveira

Na Praça Deu La Deu, no número 50, está situada a casa onde viveu até aos seus últimos dias o maestro Miguel António Peixoto de Oliveira, considerado um dos grandes maestros da Banda de Monção.

A sua importância foi de tal forma notável, que a sua memória está perpetuada na fachada daquela que foi a sua habitação bem no centro da vila numa homenagem concretizada no mesmo ano em que faleceu.

Na placa datada de 30 de outubro de 1983 pode ler-se “Aqui viveu Miguel de Oliveira maestro e compositor da Banda Musical de Monção de 20-8-1965 a 4-8-1983”.

Este maestro nasceu a 2 de maio de 1919 em S. Martinho da Gandra, no concelho de Ponte de Lima. Não se sabendo ao certo se foi em 1927 ou no ano seguinte, iniciou os estudos musicais com o pai, sendo certo que, a 11 de julho de 1928 acompanhou o seu progenitor às festas de S. Bento de Seixas, em Caminha, onde já deverá ter atuado, avança Fernando Prego na cronologia que estabeleceu no seu livro “Miguel de Oliveira – Retalhos de uma vida dedicada à música – ensaio de biografia”.

Em 1935, acrescenta, Miguel de Oliveira é alistado e incorporado, como voluntário, no Regimento de Sapadores de Caminho de Ferro, onde vai progredindo na carreira. E já em 1938 chega a 2.º sargento, no instrumento “Bombardino” na GNR.

O maestro decide abandonar esta carreira, abraçando outros desafios, como o da direção da orquestra no espetáculo “Comboio das Seis e Meia” no Politeama, que era transmitido na rádio, onde faz amizade com Artur Agostinho. Por ali passam grandes nomes da música, como Amália Rodrigues.

Já em 1965, Miguel de Oliveira chega a Monção por ter sido contratado para ser o maestro da Banda de Monção. Radicou-se nesta vila e durante 19 anos consecutivos dirige a banda até 1983.

Fernando Prego conta que a sua primeira residência foi no número 25 da rua D. Pedro V, onde fica três anos. «Decorrido este lapso de tempo, e por sentir necessi-



Casa onde viveu o maestro Miguel de Oliveira

dade de procurar casa maior (eram já quatro pessoas, o casal e duas filhas), também com espaço suficiente para guardar e expor os móveis que, agora por conta própria, passou a vender, mudar-se-á para aquela onde vai habitar até ao fim da vida, na Praça Deu-La-Deu, n.º 50, em pleno centro da vila», acrescenta. Fernando Prego conta ainda que, no rés do chão, Miguel de Oliveira, instalou o seu armazém com

os móveis que comercializava.

**Autor do Hino de Monção**

O maestro Miguel de Oliveira é o autor de várias obras musicais, das quais algumas ficaram na história da Banda de Monção, como o Hino de Monção e o Cerco de Monção.

No seu livro “Banda Musical de Monção 1792-2014 – 222 anos ao serviço da

cultura”, José Adriano Oliveira Cruz diz que Miguel de Oliveira, «senhor de um famoso nome no panorama musical português, projetou, de facto, a nossa Banda como até ao momento não havia memória, mercê do seu prestígio pessoal e do trabalho aturado que inicialmente desenvolveu». O maestro faleceu a 4 de agosto de 1983, tendo recebido homenagens póstumas.



Placa na fachada da casa descerrada em sua homenagem póstuma



Pormenor de uma das varandas da fachada

O “Pedrinha” era conhecido pelo seu temperamento

# Maestro José Morais Gonçalves morou no centro histórico da vila

Na Rua Conselheiro Adriano Machado, conhecida localmente como Rua Direita, a poucos metros da lindíssima Casa do Arco, está a casa onde viveu o maestro José Morais Gonçalves.

A casa está identificada com uma pequena placa, certamente, fruto de uma homenagem póstuma a este maestro da Banda de Monção, que tinha por alcunha “Pedrinha”. Nela pode ler-se: “Aqui viveu o Maestro José Morais Gonçalves «Pedrinha» pioneiro do folclore monçanense 10-4-965”.

No seu livro “Banda Musical de Monção 1792-2014 – 222 anos ao serviço da cultura”, José Adriano Oliveira Cruz diz saber-se que «este maestro esteve pouco tempo à frente da Banda devido ao seu temperamento», entre os anos de 1890 e 1893.

Segundo salienta, José Morais Gonçalves sucedeu ao maestro Malheiro, «sendo um homem sabedor, grande músico e compositor a quem se deve, entre outras obras, a célebre valsa “Adeus vou partir”, com letra de José Brandão e Vale Júnior e que os soldados monçanenses entoavam ao partir para a 1.ª Grande Guerra».

O investigador sustenta que este maestro, «como competente ensaiador e compositor, elevou a música aos píncaros da glória» e, por isso, «os contratos sucediam-se e a fama da Banda de Monção corria além-fronteiras».

Recolhendo os testemunhos expressos na imprensa da altura, o autor de “Banda Musical de Monção 1792-2014 – 222 anos ao serviço da cultura” afirma que o “Pedrinha” «executava com mimo, com graciosidade e impregnava às suas músicas aquele ar ridente e tão nosso conhecido que levava os ouvintes a um entusiasmo desmedido». Contudo, «era dotado de um “feitiço” difícil, de muito génio». «A sua chefia foi muito agitada porque parte dos componentes se sentiram, talvez, desrespeitados pela sua nomeação [tinha 30 anos de idade]. Recorda-se uma cena passada entre este maestro e o componente Joaquim de Oliveira, num barraco existente onde se encontrava o antigo hospital da Misericórdia [hoje Lar de Idosos da Santa Casa]. Era aí o Theatro Camões [inaugurado



Casa do maestro fica na rua Direita



Placa de homenagem na fachada da casa



Casa está no centro histórico da vila de Monção

em 10 de junho de 1880). Teve como fecho dessa desavença o esfacelamento do cornetim do Oliveira contra umas grades de ferro do prédio em frente à Matriz», conta José Adriano Oliveira Cruz nesta sua obra

sobre a Banda Musical de Monção.

## O último ensaio

Famosa terá também sido a sua saída da Banda. Conta o investigador que o “Pe-

drinha”, depois de divergências durante o ensaio saiu porta fora e dirigiu-se para casa. O sogro, Bento d’Ávila seguiu e deu com ele a traçar o seu fardamento com um machado, deixando de ser maestro.